

Somno de amigos

(AFFONSO CELSO)

Invenit eos dormientes.

(*S. Lucas, XX II, 45.*)

Disse Christo aos discipulos queridos:
«Velai e orai...» — E foi penar... penar...
Voltou, e os encontrou adormecidos,
Sem orar, sem velar.

«Velai e orai», disse outra vez. Tremente
Foi, de novo, engolphr-se na agonia.
Soffreu... soffreu... Voltou, e, novamente,
Todo o grupo dormia.

Mas na angustia sem par... (E perdurava
O somno estranho dos amigos seus!)
Veiu de longe alguem que o confortava:
Foi um anjo de Deus.

.....
Amigos meus, fieis, eu soffro, eu morro ...
Vinde, não me deixeis em abandono!
Mas, ai de mim! meu grito de soccorro
Não vos expelle o somno.

É Jesus quem o mostra: nos perigos,
Sempre que a Dôr vos ponha o seu labéu,
Dormem, fogem, discipulos e amigos:
Só nos ampara o céu.

NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO

(*Maria Amalia Vaz de Carvalho*)

Toda ou quasi toda a mulher se sente amesquinhada pelo seu destino, e protesta contra as leis, contra os usos, contra as instituições, que a exilaram dos altos cargos da Republica, que lhe tolheram o passo para todas as eminencias sociaes, e que a condemnam á obscuridade e á lhanza do viver domestico.

Oh! abençoados sejam os costumes, as leis, as instituições, que deram ao homem tudo que é ruido, pompa, ostentação, orgulho e vaidade, e que nos deram a nós a doce missão de encaminharmos o futuro, de guiarmos a humanidade no caminho do bello e do bom!

Se até agora temos trahido essa missão a que fomos destinadas, a culpa é nossa e não de quem constituiu sob uma fórmula tão racional e tão justa a sociedade.

O tempo que passamos no barulho vazio das festas mundanas, colhendo decepções e rancores, excitando invejas, provocando sensuaes applausos; por que o não gastamos a ler, a estudar, a penetrar no mundo da natureza e no mundo da sciencia em todos os seus aspectos tão variados, em todas as suas manifestações tão sympathicas? por que não dirigimos a poder de trabalho e de esforços a primeira educação de nossos filhos, e deixamos que mãos mercenarias lhes arranquem aquella doce pennugem da alma que é a ignorancia dos pequeninos?

Por que não fazemos da nossa casa um ninho alegre e fôfo, que o nosso marido prefira ao botequim, ao gremio, ao club, ao restaurante, á casa dos seus amigos, onde elle esteja certo de encontrar o alimento mais saboroso e mais hygienico, o ar mais puro e

lavado, a poltrona mais commoda, a conversação mais animada, mais substancial, mais chistosa e menos pedante ?

Pouco a pouco á regeneração da mulher seguir-se-ia a regeneração do homem, deixariamos de ser a ruina, para nos tornarmos o conforto; deixariamos de ser o tédio para nos tornarmos a alegria.

Talvez não houvesse tantos bailes e saráus; talvez Offenbach, Dumas Filho e Sardou tivessem menos espectadores; talvez as salas de bilhar perdessem um pouco da sua popularidade; talvez os ourives e as modistas fechassem algumas das suas lojas; mas em compensação quebravam menos negociantes, perdiam-se menos mulheres, a calúnia renunciava a uma grande porção do seu alimento diário, o falso luxo que mata de fome os filhos e que arrasta sedas pelas ruas enlameadas da cidade, ou se reclina voluptuosamente nos coxins flácidos d'um coupé de oito molas, o falso luxo deixaria de ostentar com tão descarada altivez as suas lantejoilas compradas com moeda vil, e esta nossa sociedade, que parodia tão ridicula e tão desgraçadamente a sociedade cosmopolita, opulenta e artificial da França, tomaria diverso rumo, assumiria a dignidade que lhe falta, e descobriria no futuro o ideal, que não tem e que procura nas trevas.

O primeiro passo para que este deploravel estado de cousas melhore um pouco, é que as mulheres comecem a trabalhar.

As ricas instruem-se; as pobres ajudem seu marido sem se envergonharem da sua honesta pobreza, e todas, sem exceptuar qualquer posição social, occupem o tempo para não darem logar ás tentações da vaidade, aos sonhos morbidos que enfraquecem o corpo e o espirito, ás negras horas dissolventes do tédio, em que tudo se conhece e se admitte como possível, até o esquecimento de todos os deveres, até o proprio crime com o seu romantico cortejo de sensações e de terrores.

A MENINA

Na leda quadra da infancia,
— No coração da menina
Ha uma fibra divina
Que fala em sonhos do céu;
Como que n'alma lhe mora
Um pensamento celeste,
Que se enfeita, que se veste
De branco, mystico véu.

Como as estrellas sorrindo
Sob um céu de finas côres,
Por um caminho de flores
Seus pés deslisam subtis,
E a phantasia ligeira
Que docemente fulgura
Risonhos quadros lhe apura
Na facil senda feliz.

Vão de seus dias serenos
A luz e as sombras em jogo,
Projectadas pelo fogo
Que lhe ri no coração.
A seda e a lã de seus annos
Tecidas por mãos de fadas
Rutilam, brilham, tocadás
Por encantado condão.

Si ás vezes uma tristeza
Que dôr não é, nem é magua,
Rorêja-lhes os olhos d'agua,
Dos labios lhe apaga o rir,
—Sonha um folguedo . . . a alegria
De novo as faces lhe tinge!
Tal o botão se constringe
Para melhor se expandir.

É assim que as borboletas
—As lindas flores aladas —
Sentem as azas geladas
Por fria brisa do sul;
Mas quando aos raios solares
De novo as azas se aquecem,
Da terra outra vez se esquecem
Para immergeir-se no azul.

THEOPHILO DIAS.



O Natal do Christo

SUA FIXAÇÃO, CEREMONIAS, USOS E INFLUENCIA MORAL.—
BRINDE A MEUS FILHOS.

O Natal, a festa em que por excellencia se commemora o apparecimento na terra do excelso Predestinado, do Precursor da salvação, nem sempre foi celebrada em data identica á de hoje.

Instituida no anno de 138 da era christã, conforme a affirmativa de escriptores abalisados, tornou-se movel durante dois seculos: ora a effectuavam em Janeiro, ora em Maio.

Foi só no seculo IV que o Papa Julio I, acquiescendo ao pedido de Cyrillo, bispo de Jerusalem, mandou ouvir os doutores da egreja do Oriente e do Occidente sobre a verdadeira data do nascimento do Messias, fixando-se desde então, nos kalendarios ecclesiasticos, a 25 de Dezembro, em virtude das respostas dos theologos consultados.

A festividade do Natal, uma das mais antigas do christianismo, apresentou desde o seu inicio uma feição jubilosa, alacre, solenne, que infelizmente ia desaparecendo, mas que parece reviver agora cheia de esplendor, embora modificada na sua feição e nos seus usos primitivos.

É elemento constitutivo d'essa festividade a celebração de trez missas, cerimonia cuja origem teve logar em Roma, transmittindo-se d'ahi a toda a christandade.

A primeira,—chamada a *missa do gallo*—era celebrada, ao bater da meia noite, na basilica de Santa Maria Maior; a segunda ao romper da aurora, na egreja de Santo Athanasio; e a terceira, chamada a do dia, no templo de S. Pedro.

O systema das *consoadas* ou da *bóia* como vulgarmente se diz hoje entre nós, originou-se da necessi-

dade que tinha o povo de qualquer refeição, depois de entregar-se ás folganças nocturnas e de ir em seguida assistir o incruento sacrificio da missa.

Na idade media a egreja do Occidente celebrava com espectaculosas representações theatraes a festa do Natal.

Em Portugal essas representações eram nos claustros e nos conventos de freiras.

Infelizmente, como succede ás vezes na evolução social, o desvirtuamento manifestou-se, e, de envolta com as ceremonias sacras, appareceram (como ainda hoje) as scenas burlescas, arroubos e idyllios platonicos, personagens phantasticos, de maneira que a auctoridade ecclesiastica viu-se obrigada a suspender taes representações nos templos, para não comprometter a seriedade do culto e dogma religioso.

Ainda assim o Natal continuou a constituir a poesia popular, o enthusiasmo festivo das almas christãs e simples.

Nas capitães civilisadas, os presepios, já hoje tão communs entre nós, servem para ampliar o circulo das relações sociaes e para mais estreitar as existentes; no lar domestico é o attractivo para os serões cordiaes, para o intimo convivio familiar; para as expansões affectivas dos paes; para a exuberancia de caricias maternas; para a pratica das acções bemfazejas.

«Na Inglaterra, diz um escriptor celebre, o convivio do Natal é a época das desejadas conciliações dos parentes e amigos».

Na Suecia o contentamento popular é até ostentoso. Ha feiras onde se vendem gulodices, quinqui-lharias de toda a sorte para as crianças e senhoritas; as ruas da cidade são guarnecidas de barracas brillantemente illuminadas.

Por toda a parte do universo, enfim, ostentam-se os alvorços festivos, os arroubos da paz, do congratamento e da beneficencia, neste dia excelso.

Se, pois, a festa do Natal é uma epopéa commemorativa da dedicação do supremo arbitro dos mundos á humanidade; se é o conjuncto symbolico de sublimes e alevantados sentimentos; se é o registro de um facto magno e santo; se é o iman que attrahe a adoração universal para a regeneração dos costumes; justo é que permaneça e reviva cada vez mais entre os povos, muito embora sem a tradição innocente e bella dos tempos primitivos, mas sempre com os mesmos intuitos de fraternidade, sobre o influxo religioso e conciliador, visando a felicidade social.

Que na mais pequenina aldeia, como na mais populosa cidade, na mais singela ermida, como na mais sumptuosa cathedral, a unção religiosa se derrame em catadupas nos corações dos crentes; que a adoração ao auctor da Fé se manifeste em oblações ardorosas, e que o jubilo domine todas as almas, para que estas possam repetir conscienciosa e confiadamente com os commissarios do céu, «nesta quadra de malícia e de requinte de costumes» :--Gloria a Deus nas alturas ! *Paz na terra aos homens de boa vontade!*

.....

Natal ! Festa dos divinos e dos profanos ! Como me trazes á mente a doce quadra em que, completamente despreoccupado das exigencias da vida, sem as previsões incertas do futuro, eu formava castellos de auroras, que desabaram ao calor do sol da realidade !

Como sinto não ter tempo e espaço para mais detidamente occupar-me dos teus mysterios e dos teus influxos !

Castilho chamou-te a festa das virgens e das mães, dos camponezes e dos soberanos, e, sobretudo, da infancia.

E com effeito, és particularmente a festa da petizada, d'essa legião de almas candidas agglomeradas hoje junto ás *arvores do natal*, sequiosas de um presente. E eu, que tenho a ventura de ser pae, lembro

não ter agora uns brindes que bem traduzam os meus sentimentos, para dal-os ao Vinicius e á Lygia! Em taes conjuncturas permittam-me, antes de terminar, chamal-os ao redor de de mim, beijál-os sofregamente, e dizer-lhes com Mario de Aragão, em occasião identica :

«Como Jesus, filhinhos, eu tambem
Quizera dar vos um presente raro :
Mas, por desgraça, tudo, tudo é caro,
Para um pobre, como eu, que nada tem !

A vida é feita assim...
No suarento pão de cada dia
Moureja o sonhador em magua immerso,
Como acontece a mim...»

Mas não, meus filhos, não ireis descontentes para os leitos. Se não tenho pendentos da *arvore do natal* joias preciosas, tenho ainda abundante e farta a arvore dos meus affectos: todos os fructos que nella se encontram são vossos : colhei-os presurosos, e ide dormir tranquillos. O menino Jesus e eu velaremos por vós.

BERTOLDO NUNES.



AS ONDAS

I

Nós somos as ondas negras e espumantes, as ondas terríveis, as monstruosas ondas da tempestade !

Como o ódio, que agita a alma do homem; como o ciúme, que a dilacera, e a duvida que a ennodôa, rugue dentro do nosso abysmo mysterioso um poder fatal, a cujo imperio irresistivel nós nos movemos eternamente, fustigados pelos ventos do naufragio e pelo livido raio das estrellas pavorosas !

Foge das ondas negras e espumantes, das ondas terríveis, das monstruosas ondas da tempestade !

II

Nós somos as vagas perfidas, que adormecem ao lethal afago das calmarias.

Como o coração humano, simulamos o repouso e a doçura; no bronzeado espelho de nossas aguas os passaros marinhos molham tranquilllos a erradia penna e das vergas do navio, cujos pannos cahem ao longo do mastro, á espera do vento, os marinheiros debruçam-se contemplando socegados o nosso enganador socego.

Foge das vagas perfidas, que adormecem ao lethal afago das calmarias !

III

Nós somos as serenas, as festivas, as celestes ondas da bonança !

Como os labios amorosos da mulher quèrida, desprendemos encantadores murmurios, que a fugaz

aragem sorve e espalha risonha na atmosphera azul !
Como as desatadas tranças da formosura dourada, enlaçamo-nos voluptuosas e ternas sobre a cupula bemfazeja do firmamento. Como os beijos que se partem tremendo em labios venturosos, nós nos confundimos delirantemente, e estendemo-nos languidas, para de novo nos partirmos e confundirmo-nos de novo.

Foge, foge das serenas, festivas e celestes ondas da bonança !

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

